

Walerie terá que fazer nova operação

CASO PAPA-LÉGUAS

Paulo de Araújo



Eliomar Pinto, o Papa-légua, foi executado após ter sido capturado por policiais na Ceilândia

Dois PMs indiciados pelo crime

Um cabo e um soldado da Polícia Militar foram indiciados ontem pelo assassinato do assaltante Eliomar Pinto, o Papa-légua.

Ele foi executado no início de março, depois de ter sido levado almeado da casa de sua madrinha, na QNO 16 da Ceilândia.

O cabo José Aguiar de Souza Rocha, 30 anos, e o soldado Delvando da Silva Ribeiro, 38, são apontados como integrantes do grupo de oito homens que sequestrou o assaltante.

“O inquérito ainda não foi encerrado e outros policiais poderão ser indiciados”, disse o delegado Jovino Bento, da Delegacia de Homicídios.

O delegado, por enquanto, não vai pedir a prisão preventiva dos acusados, que até ontem à tarde

faziam serviço normal na 5ª Companhia da PM, na Ceilândia.

O cabo e o soldado prestaram depoimento na delegacia e negaram qualquer envolvimento com o caso.

Execução — O destino de Papa-légua começou a ser traçado no dia 25 de fevereiro, quando três homens invadiram a casa de uma cunhada do soldado Delvando, na Ceilândia, e a estupraram.

O caso passou a ser investigado pelos militares do serviço reservado da 5ª Companhia, a P2, com autorização do comandante, major João Alberto Fraga Silva.

O primeiro suspeito de participação no estupro foi Papa-légua. Os policiais desconfiaram que ele poderia estar escondido

na casa da ex-madrasta, na QNQ 1, e resolveram procurá-lo.

Na noite do dia 30 de fevereiro, o soldado Oswaldo Silva Costa Filho, membro do grupo, confundiu o lanterneiro Waldomiro da Luz Porto com Papa-légua.

Waldomiro, por sua vez, confundiu o policial com um ladrão e o matou com uma facada na barriga.

O lanterneiro foi levado para um matagal pelos acompanhantes do soldado e foi atingido com oito tiros. Morreu duas semanas depois.

O corpo de Papa-légua foi encontrado três dias depois da morte do soldado, em uma região de cerrado entre a Ceilândia e Brasília.

“Minha cabeça sempre foi muito bem definida. Sempre pensei como uma mulher”, afirmou ontem Valério José da Silva.

Ele é o paciente do Hospital Regional da Asa Norte (Hran) que se submeteu, em maio, a uma cirurgia para a troca de sexo.

Valério diz não ter a menor pretensão de alterar legalmente seu nome, mas prefere ser chamado de Walerie.

Ele terá que fazer uma nova cirurgia estética — de caráter corretivo — e quer que ela seja feita pelo mesmo médico, Antônio Lino.

Walerie está extremamente preocupado com a possível punição de seu médico pelo Conselho Regional de Medicina (CRM) ou pela Justiça.

“Eu fiz a cirurgia e faria novamente. A responsabilidade é minha”, afirmou o rapaz.

Apelo — A mãe de Walerie, Rosa Maria da Silva, também fez o seu apelo: “Quero pedir que todos os que estão passando pelo problema da Walerie que lutem até o fim.”

Walerie garantiu que não sentiu nenhuma dor durante nem depois da operação e que teve o pós-operatório parecido com o de qualquer paciente que passa por uma cirurgia.

Ele explicou que durante a cirurgia de troca de sexo a reconstituição

de seu aparelho genital foi feita com tecidos retirados de seu corpo.

“Por isso vou continuar sentindo prazer”, enfatizou.

Andando pelos corredores do Hran, o médico não quis falar à imprensa. “Minha defesa é com o advogado”, frisou Antonio Lino.

Médico — O cirurgião plástico saiu do sétimo andar do hospital, onde estava internado Walerie, acompanhado por um colega. O outro médico o protegia com um dos braços.

Uma comissão de sindicância — formada por dois advogados e uma estagiária — e uma comissão de ética integrada por representantes do CRM, no Hran, estão analisando o caso de Walerie.

Às 15h de ontem o titular da 2ª Delegacia de Polícia, Pedro Júlio Coelho, foi ouvir o depoimento de Walerie no Hran. O Instituto Médico Legal também esteve presente para avaliar o estado do paciente.

“A Justiça está sendo completamente cega neste caso. Eu tenho noção plena do que eu quero”, garantiu Walerie.

Ele mandou um recado aos políticos para que modifiquem as leis que proíbem a cirurgia de mudança de sexo: “Eles não pensam no quanto a gente sofre.”

Médico pode ser punido

A cirurgia de neovagina (mudança de sexo), feita pelo médico Antônio Lino, pode ser enquadrada no artigo 129 do Código Penal como crime de lesão corporal.

Isso pode significar uma pena de dois a oito anos de prisão, se o cirurgião for considerado culpado.

Walerie disse não querer atrapalhar a carreira do médico. “A Justiça não tem que enfiar o nariz onde não é chamada”, opinou Walerie.

Ele afirma ter um parecer do Conselho Regional de Medicina (CRM) dizendo que o médico que fizesse sua cirurgia não cometeria falha ética.

Vestida com o camisolão da Fundação Hospitalar, chinelos roxos, pele morena e cabelos anelados até os ombros, Walerie deu entrevista mantendo os olhos castanhos com um brilho de firmeza.

“Durante toda a minha vida preparei-me para a operação”, frisou

Walerie.

História — Ele disse que procurou o Hran em 1993, quando foi examinado por um outro médico. “Ele enviou o meu caso para a Câmara”, sustentou.

Walerie contou que não agüentava mais a pressão das pessoas que não o aceitavam como ele gostaria de ser. “Foi aí que eu escrevi uma carta desesperada para o CRM”.

O rapaz disse ter enviado a mesma carta para Antônio Lino.

Segundo ele, o cirurgião plástico marcou uma consulta e depois pediu que esperasse um tempo para ter certeza se queria realmente fazer a operação.

Walerie diz que não pagou absolutamente nada para fazer a plástica.

“Como é que alguém, ganhando R\$ 200 por mês, pode pagar uma operação como esta?”, perguntou Walerie.

Paciente critica os psicólogos

Walerie assegurou que já foi tratada por psicólogos e que não quer mais saber deles. “Mandaram que eu fosse trocar figurinhas com outras amigas. Como é que eu vou abrir para os outros algo que é tão íntimo?”, questionou.

Segundo ele, as características femininas fluíram do seu corpo e não de sua cabeça, como muitos psicólogos queriam que acreditasse.

“Os psicólogos querem que eu assumo uma identidade que não é a minha”, afirmou Walerie.

Segundo ele, seu problema foi caracterizado pelos médicos como sendo um *pseudo-hermafroditismo*. “Em uma ecografia eles me disseram que eu tenho resquícios de ovário”, contou.

O rapaz trabalha na cozinha do Hospital Universitário de Brasília e pretende voltar logo à função. Segundo exames cromossômicos, ele é do sexo masculino, não tem barba, apresenta poucos pêlos na perna e sua voz é igual a de uma mulher.

Família — Walerie confirmou que pretende, no futuro, constituir uma família e adotar uma criança. “Não quero levar uma vida solitária nem quero levar uma vida de promiscuidade”, revelou.

Ele nunca usou vestido para não incomodar seus familiares e prefere usar roupas unissex (calça jeans, camiseta).

“Eu só queria usar vestido quando estivesse completa”, contou o recém-operado.

Walerie disse que muitas vezes as pessoas ficam confusas quando descobrem seu verdadeiro nome. Segundo ele, alguns chegam perto para ouvir sua voz: “Aí saem garantindo: é mulher mesmo.”

A mãe de Walerie, Rosa Maria da Silva, diz que desde pequeno ele se comportava como uma menina. “Gostava de brincar de boneca, de arrumar a casa”, contou a mãe.

Ela compreende a decisão do filho de trocar o sexo masculino pelo feminino. “Eu tenho outras três filhas, agora ganhei mais uma”, brincou Rosa Maria.